

Discursos y contenidos en el entorno digital. Análisis desde América Latina

Lida Ximena Tabares Higueta, Ana María Valencia Henríquez
y Edwin Alexander Amaya Vera (Compiladores)



303
D611

Discursos y contenidos en el entorno digital. Análisis desde América Latina / Lida Ximena Tabares Higueta [y otros 19] – Medellín: UPB, 2022.
247 p., 14 x 23 cm. – (Ciencias Sociales No. 23)
ISBN: 978-628-500-067-6 (versión digital)

América Latina – Aspectos Políticos 2. Redes sociales – Aspectos sociales –
3. América Latina – Impacto ambiental

CO-MdUPB / spa / rda
SCDD 21 / Cutter-Sanborn

© Varios autores
© Editorial Universidad Pontificia Bolivariana
Vigilada Mineducación

Discursos y contenidos en el entorno digital. Análisis desde América Latina

ISBN: 978-628-500-067-6 (versión digital)

DOI: <http://doi.org/10.18566/978-628-500-067-6>

Primera edición, 2022

Escuela de Ciencias Sociales

Facultad de Comunicación Social-Periodismo

CIDI. Grupo: GICU - Grupo de Investigación en Comunicación Urbana. Proyecto: "Discurso político como factor de permanencia del conflicto en Colombia. Análisis de su presencia en Twitter". Radicado:445C-02/19-17

Gran Canciller UPB y Arzobispo de Medellín: Mons. Ricardo Tobón Restrepo

Rector General: Pbro. Julio Jairo Ceballos Sepúlveda

Vicerrector Académico: Álvaro Gómez Fernández

Decano Escuela de Ciencias Sociales: Omar Muñoz Sánchez

Directora Facultad de Comunicación Social-Periodismo: María Victoria Pabón Montealegre

Editor: Juan Carlos Rodas Montoya

Gestora Editorial: Eliana María Urrego A.

Diagramación: Transparencia duo

Corrección de Estilo: Eduardo Franco

Foto Portada: Shutterstock 1391852696 y 2018017004

Dirección Editorial:

Editorial Universidad Pontificia Bolivariana, 2022

Correo electrónico: editorial@upb.edu.co

www.upb.edu.co

Telefax: (57)(4) 354 4565

A.A. 56006 - Medellín - Colombia

Radicado: 2196-10-05-22

Prohibida la reproducción total o parcial, en cualquier medio o para cualquier propósito sin la autorización escrita de la Editorial Universidad Pontificia Bolivariana.

Amazônia em chamas: a soberania como discurso nas disputas políticas em rede

Amazonía en llamas:
soberanía como discurso
en disputas políticas en red

Ruth Reis ¹
Daniela Zanetti²
Igor Zandonadi Coser³
Túlio Brunoro⁴

-
- 1 Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutora em Comunicação e Cultura. Brasil. ruthdosreis@gmail.com
 - 2 Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Brasil. daniela.zanetti@ufes.br
 - 3 Bolsista da pesquisa. Graduando em Engenharia Elétrica. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). zandonadi.coser@gmail.com
 - 4 Bolsista da pesquisa. Graduando em Engenharia Elétrica. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). brunoro.tulio@gmail.com

Resumo

Este artigo traz resultados de uma investigação acerca dos discursos surgidos nas redes sociais digitais no Brasil sobre os incêndios que devastaram parte da Amazônia, em 2019, e do Pantanal, em 2020, tema que continua em pauta nacional e internacionalmente, por conta da continuidade das queimadas e do desmatamento nessas regiões. O estudo teve como material empírico 1,6 milhão de mensagens postadas no Twitter. A partir da perspectiva teórica do discurso de Laclau e Mouffe (2015) e da utilização de métodos digitais, a análise dos dados constata, em ambos os casos, forte polarização, negacionismo do governo em relação às razões das queimadas e tentativa de investimentos de sentido sobre o conceito de soberania nacional em benefício do projeto liberal conservador em relação às questões ambientais, em especial na Amazônia.

Palavras-chave: Meio Ambiente, Incêndios, Twitter, Discurso.

Resumen

Este artículo trae los resultados de una investigación sobre los discursos que surgieron en las redes sociales digitales en Brasil sobre los incendios que devastaron parte de la Amazonía, en 2019, y el Pantanal, en 2020. El tema continúa en evidencia a nivel nacional e internacional, debido a la continuidad de los incendios y la deforestación en estas regiones. El estudio tuvo como material empírico 1,6 millones de mensajes publicados en Twitter. Desde la perspectiva teórica del discurso de Laclau y Mouffe (2015) y el uso de métodos digitales, el análisis de datos encuentra, en ambos casos, una fuerte polarización, la negación del gobierno en relación a los motivos de los incendios y los intentos de dar sentido a las inversiones en el concepto de soberanía nacional en beneficio del proyecto liberal conservador en materia ambiental, especialmente en la Amazonía.

Palabras clave: Medio Ambiente, Incendios, Twitter, Discurso.

Introdução

Após as eleições de 2018, as plataformas de redes sociais no Brasil se tornaram novamente palco de intensas disputas discursivas, durante o período dos incêndios que devastaram parte da Amazônia brasileira, em agosto e setembro de 2019. Uma guerra de visões envolvendo robôs, fake news e recirculação de conteúdos oriundos do jornalismo ou de usuários comuns expuseram mais uma vez as guinadas nas políticas de relações internacionais do Brasil sob a presidência de Jair Bolsonaro, e passaram, a partir de então, a contar com um novo componente: um discurso nacionalista para o atual governo. A defesa da Amazônia como território praticamente isolado do restante do mundo e de uma soberania nacional que refuta a colaboração de outras nações, apregoando limites às políticas de proteção ao meio ambiente e à população indígena, foram eixos dos argumentos defendidos por inúmeros perfis nas redes sociais pró-governo federal e pelo próprio presidente brasileiro.

Diante desse episódio que despertou atenção internacional e recebeu cobertura jornalística de diversos veículos de comunicação estrangeiros, apresentamos neste artigo os resultados da análise de 1,14 milhão de mensagens postadas no Twitter coletadas em setembro de 2019, correspondente ao momento em que as controvérsias sobre a preservação da Amazônia se intensificaram diante das queimadas que dizimaram frações importantes da floresta. No ano seguinte, 2020, diante de novos eventos de destruição do meio ambiente pelas queimadas, desta vez no Pantanal (região do Centro-Oeste brasileiro), uma outra coleta de dados que totalizou 461.027 mensagens mostra mais uma rodada de combates nas redes sobre o tema ambiental no Brasil. Nosso objetivo neste artigo foi mapear os movimentos desencadeados por meio do Twitter que demonstrem as disputas discursivas em torno das queimadas e a busca por hegemonia sobre a questão ambiental, que se coloca hoje como uma das principais agendas internacionais.

Este trabalho é parte de uma pesquisa⁵ que tem por objetivo identificar temas e padrões de disputas discursivas que emergem nas redes sociais digitais no Brasil, bem como os atores sociais envolvidos e as formas de construção do discurso político. Para tanto, foi utilizado como instrumental de análise teórica o conceito de discurso proposto por Laclau e Mouffe (2015), entendido como “prática articulatória” constituída por antagonismos. Tal aporte permite apreender as inúmeras polêmicas desencadeadas pelo campo governista no Brasil, nos últimos tempos, em torno dos mais diversos temas, sempre em busca de hegemonia para conduzir ações políticas sustentadas pelos ideais conservadores que elegeram o atual presidente Jair Bolsonaro. Nessa perspectiva, buscou-se mapear quais posicionamentos políticos se formaram em relação à Amazônia – e, por extensão, também em relação ao Pantanal –, os deslizamentos de sentidos e os pontos nodais construídos no discurso.

O debate em torno da internacionalização (ou transnacionalidade) da Amazônia e dos riscos de perda da soberania sobre a região amazônica brasileira existe há décadas, demonstrando o quanto se trata de um território em permanente disputa, envolvendo não apenas autoridades políticas, mas também diversos outros atores sociais, como ambientalistas, indígenas, empresários e organizações não governamentais (Zhour, 2002; Rabinovici, 2011). A questão “ronda o imaginário nacional e nacionalista, encarnando-se, de tempos em tempos, em entidades sociais e políticas que, por efeito de estratégias ideológicas de poder, são esvaziadas e descontextualizadas de suas posições históricas específicas” (Zhour, 2002, p. 2). Considerando a Amazônia brasileira um centro de interesses, Rabinovici (2011, p. 100) já apontava, a partir do exame de notícias divulgadas pela imprensa brasileira, entre 2005 e 2008, a existência de “possíveis polêmicas que podem desviar o foco das reais causas do desmatamento, além de dificultar a participação dos atores locais na busca de soluções aos conflitos”.

5 Estudo desenvolvido no âmbito da pesquisa *Modelos metodológicos para estudo de discurso e narrativas em processos de comunicação contemporâneos no contexto da cibercultura*, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes).

Dados do Programa Queimadas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) mostram que houve, em 2019, um crescimento de 30,5% de incêndios em comparação com 2018, sendo agosto o pior mês do ano para a Amazônia desde 2010, com mais de 30 mil focos ativos de queimadas. Além disso, em relação às taxas de desmatamento entre os anos 2019 e 2018, na região da Floresta Amazônica Brasileira, evidencia-se um crescimento de 85%. (Silva, 2020).

Mesmo diante desse cenário, em seu pronunciamento durante a 74ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, em 24 setembro de 2019, o presidente Jair Bolsonaro apelou ao sentimento nacionalista e reivindicou a questão da Amazônia como sendo um tema apenas brasileiro. Para Silva (2020), os enunciados produzidos pelo discurso feito pelo presidente delineiam “algumas relações estabelecidas interdiscursivamente com outros dizeres que circulam em outros lugares, em outras posições, assumidas por outros sujeitos”, e configuram “um jogo de contradições” (2020, p. 128) que articulam discursos antagônicos. “Em todo momento, para que se constitua como legítimo, o discurso do presidente Bolsonaro precisa desqualificar o discurso antagônico: dos povos indígenas, da mídia, da ciência, e, principalmente, de governos de outros países” (2020, p. 131).

Fundamentos teóricos: discurso e hegemonia

Redes sociais como o Twitter se tornam componentes importantes da ação política contemporânea, agenciando discursivamente as forças que disputam hegemonia na esfera pública contemporânea. Estudos sobre debate político no Twitter surgem logo após o início do seu funcionamento, em 2006, mobilizando investigações sobre tipos de usuários, análises de conteúdo das discussões, análises de sentimentos, atuação da rede num sistema híbrido de mídia, por meio da noção de segunda tela, entre outras abordagens (Campos-Domínguez, 2017). As análises em geral são desenvolvidas mediante o uso de recursos computacionais na perspectiva do *big data*. Em levantamento sobre as linhas de estudos teóricos principais relacio-

nados a essa plataforma de rede social, Campos-Domínguez (2017) mostra que uma constante nas investigações tem sido a confirmação do Twitter como ferramenta de polarização. Rahimi (2011), por sua vez, (2011) considera o Twitter como parte das “arenas agonísticas onde informações, ideias, valores e subjetividades são contestados entre adversários (desiguais)” (2011, p. 158).

Para Laclau e Mouffe (2015), o discurso não se resume apenas ao texto ou à fala, mas a uma totalidade que combina o linguístico e o extralinguístico, que só pode ser apreendida dentro de uma “prática articulatória que constitui e organiza as relações sociais” (Laclau; Mouffe, 2015, p. 167). Dessa forma, embora o objeto desta pesquisa se refira a mensagens publicadas no Twitter, a mobilização da perspectiva teórica desses dois autores nos permite considerar os enunciados presentes nessas mensagens não apenas como representação de um real já dado, mas como parte de um conjunto complexo de agenciamentos que se dão no âmbito social, e se manifestam na forma de enunciados que circulam nas redes sociais digitais.

Na teoria do discurso da Escola de Essex, os conceitos de Laclau e Mouffe (2015) de “antagonismo” e “deslocamento” são centrais. Os autores consideram que “o político”, em sua natureza essencial (dimensão ontológica), é constituído a partir de relações de poder mediadas antagonicamente e sustentadas por identidades e sentidos que nunca ganham uma estabilidade perfeita, pois são sempre precários e em construção. “É porque a hegemonia supõe um caráter aberto e incompleto do social que ela só pode ter lugar num campo dominado por práticas articulatórias” (Laclau; Mouffe, 2015, p. 231). Hegemonia é definida por estes autores a partir dos sentidos que são articulados pelas práticas discursivas, e pode ser percebida quando um conteúdo consegue “fixar sua significação em torno de um ponto nodal”.

O discurso como prática articulatória consiste em produzir cadeias de equivalência entre diferentes “elementos”, constituindo “momentos” (posições diferenciais articuladas no interior de um discurso) e estabelecendo um ponto de amarração dessas diferenças

denominados “pontos nodais” (fixação dos sentidos). Esse processo sempre se desenvolve em confronto com outros sentidos e discursos, numa relação antagonica, acionando o que os autores denominam “lógica da diferença”.

Na prática articulatória discursiva, um dos elementos colocados em situação de equivalência adquire o papel de representar todos os demais, operando assim uma hegemonia. Esse deslizamento da significação entre elementos evoca uma dupla conceitual que Laclau denomina “significante vazio” e “significante flutuante”, e que permite compreender o surgimento dos “momentos” (articulação) e dos “pontos nodais” discursivos. O significante vazio se refere a uma particularidade que passa a exprimir todos os demais, renunciando à sua própria identidade para acomodar uma série de outras. Está sempre disponível para aderir a sentidos que lhe são investidos de acordo com as disputas discursivas. Já o significante flutuante se refere ao processo de deslocamento de uma multiplicidade de sentidos conectados que disputam internamente a formação das cadeias de equivalência. Ambos fazem parte dos processos de construção de hegemonia, nos quais a existência de um adversário ou inimigo (o outro) se torna crucial, pois é esse antagonismo que desencadeia o sistema de equivalências, uma espécie de acordo tácito que vai se configurando nas disputas discursivas e tornando um determinado conjunto de elementos articulados de forma coerente e significativa.

O significante nacionalismo, do mesmo modo, pode ser considerado um significante vazio, pois pode abrigar uma miríade de sentidos que só se fixam a partir do jogo de forças que o disputam. Essa fixação temporária é a hegemonização dos sentidos que preenchem aquele significante. “Hegemonizar algo é exatamente cumprir essa função de preenchimento” (Laclau, 2011, p. 76). No caso aqui estudado, a disputa sobre o nacionalismo corresponde a mais uma etapa da histórica divergência sobre o papel e os “usos” da Amazônia, e da compreensão dos modos de operação desse conceito na materialidade das políticas internacionais sobre esse ecossistema. A compreensão da Amazônia como um sistema de interesse global, portanto, sob algum tipo de interferência de outras nações, é uma

construção que vem sendo produzida há anos, em especial depois da Segunda Guerra Mundial, quando emergem organismos internacionais como a ONU e a Unesco (Petitjean; Domingues, [s.d.]).

Sob a presidência de Jair Bolsonaro deste 1º de janeiro de 2019, depois de uma ruidosa campanha em que a internet foi o centro de sua estratégia eleitoral, o país vivia o seu primeiro ano de governo e experimentava as políticas que, quando candidato, ele prometia desenvolver. Eleito sob o bordão “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, e adotando como *slogan* de governo “Pátria Amada, Brasil”, até então, o presidente não havia se apossado de alguma ação concreta que desse realidade a esse jargão nacionalista.

A defesa da Amazônia como território praticamente isolado do restante do mundo e de uma soberania nacional que refuta a colaboração de outras nações, apregoando a limitação de políticas de proteção ao meio ambiente e à população indígena foram eixos dos argumentos defendidos por inúmeros perfis pró-governo federal nas redes sociais e pelo próprio presidente brasileiro diante das queimadas. Situação semelhante se repetiu no ano seguinte, quando o fogo tomou a região do Pantanal, outro ecossistema importante, localizado no centro-oeste brasileiro.

Metodologia: coleta e análise

O corpus da pesquisa aqui apresentada foi construído em duas etapas que resultaram em dois *datasets*: a primeira foi realizada entre 22 de agosto a 9 de setembro de 2019, no momento em que se acendeu a polêmica sobre a extensão das queimadas na Amazônia, naquele ano. A coleta foi realizada por meio da palavra “Amazônia⁶”, considerada a mais adequada para alcançar as visões antagônicas sobre a questão ambiental na região, que dominava as redes digitais naquele período. O recurso usado para coletar as mensagens foi um aplicati-

6 Optou-se por não lematizar a palavra chave (conservar apenas a raiz da palavra, eliminando sufixos, ou usar o termo em inglês – Amazon –, a fim de evitar um banco de dados sobrecarregado de conteúdos sem relação com o tema.

vo desenvolvido em Python⁷, que acessava API do Twitter em tempo real e retornava com as postagens, repostagens e respectivas informações sobre cada uma delas – perfil que tuitou e retuitou, datas e links. A segunda etapa da pesquisa foi realizada no ano seguinte, 2020, durante o mês de setembro, usando-se a mesma ferramenta de coleta de dados, desta vez com a palavra-chave “Pantanal”.

Para a compreensão e interpretação dos dois bancos de dados recorremos principalmente a aplicativos de análise estatística, como o Microsoft Excel (2020) e o Tableau Public (Jones, 2014)⁸. Adicionalmente, utilizamos uma das ferramentas de análise de textos reunidas no Voyant Tools (Rockwel; Sinclair, 2016)⁹, para melhor compreensão das mensagens e para a formação da rede de palavras apresentada adiante. Esses *softwares* contribuem para percorrer as etapas de organização dos registros e compreensão dos conteúdos, abrindo caminhos para a interpretações dos dados e construção das correlações possíveis. Uma primeira fase desse processo consiste em verificar a precisão do conjunto dos dados em relação aos objetivos de pesquisa, observando se as mensagens mais relevantes correspondem ao assunto desejado, bem como observar a variação de quantitativos de mensagens ao longo do período pesquisado (Figuras 1 e 5). Para identificar e selecionar as mensagens de maior relevância foram adotados critérios quantitativos baseados em número retuítes (mensagem repostada por outro perfil), que indica os *posts* que despertam maior interesse e circulam mais na rede selecionada. A localização da versão original das postagens é feita manualmente a partir do link que faz parte do *dataset*. De posse do material coletado, foram consideradas as postagens mais populares, que aparecem nos gráficos abaixo (Figuras 3 e 4), e as reações contrárias do governo, compreendidas à luz dos conceitos de antagonismo, deslocamento e práticas articulatórias, propostos por Laclau e Mouffe (2015).

7 Aplicativo desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Discurso, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (UFES)

8 Versão gratuita disponível em <https://public.tableau.com>

9 Disponível gratuitamente em <https://voyant-tools.org>

Análise dos dados e discussão

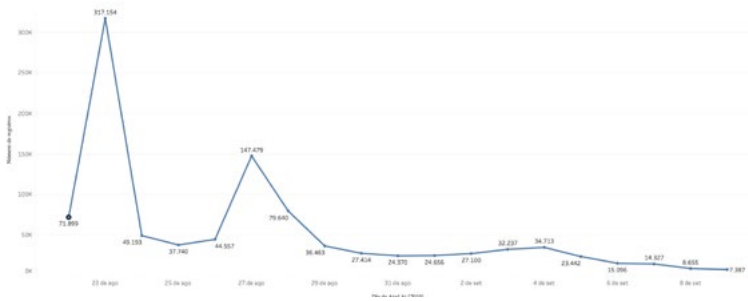
Amazônia

Em 19 de agosto de 2019, quando o dia na cidade de São Paulo virou noite por volta das três horas da tarde, o debate sobre o avanço das queimadas na Amazônia começou a tomar intensidade e densidade dentro e fora das redes digitais. Mas antes que essa questão ganhasse as redes, o movimento do Governo Federal foi negar as evidências já apontadas pelos seus próprios órgãos governamentais de monitoramento. Sem manifestar iniciativas para conter o fogo que se alastrara na floresta amazônica, o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, empenhava seus esforços em encontrar nas ONGs as responsáveis pelos focos que se multiplicavam, sem citar nenhuma especificamente.

Essa foi uma das primeiras ações, realizada em 21 de agosto 2019, que demonstrava como o presidente pretendia conduzir seu bloco de apoiadores para tratar a questão da Amazônia em chamadas, construindo uma cadeia de equivalências que tem na ideia de soberania nacional o seu elemento principal, inscrevendo-a no bojo do seu projeto conservador. Na defesa de uma visão de nacionalismo, o campo político bolsonarista atraiu milhares de perfis nas redes sociais para a tese de que o território amazônico estava sendo sequestrado por interesses internacionais, cujos interesses estão voltados apenas para as riquezas do seu subsolo e ecossistema.

A preocupação com as queimadas seria, portanto, na perspectiva que esse campo apresentava, apenas uma cortina de fumaça que mal disfarçava os verdadeiros propósitos de ocupação da Amazônia para outros fins ou de amordaçamento de ações desenvolvimentistas na região que estão no radar de Bolsonaro (exploração mineral em geral e, do nióbio mais especificamente, e desenvolvimento da agropecuária). O conjunto de mensagens presentes no *dataset* desse período de análise chegou 1,14 milhão, verificando-se dois picos de atividade: em 23 e 27 de agosto de 2019 (Figura 1).

Figura 1 - Número de tuítes por dia



Fonte: Gráfico gerado em *Tableau Public* a partir do banco de dados coletados do Twitter pelas autoras

No dia 22 de agosto, o presidente francês, Emmanuel Macron, publicara um tuíte (Figura 2) referindo-se à Amazônia como “nossa casa” e “pulmão” que “produz 20% do oxigênio do planeta”, além de propor uma ação do G7 (grupo que congrega os sete países mais ricos do mundo) para debelar o fogo. A mensagem desencadeou o discurso nacionalista do campo bolsonarista no Twitter. Macron evidenciara elementos de um ponto nodal a ser combatido, constituindo um polo de oposição que faltava para dar corpo ao discurso que Bolsonaro abria ao responsabilizar as ONGs nos dias anteriores. O que poderia ser considerado um gesto de solidariedade entre as nações passou a ser fator de mobilização para denunciar supostas evidências de desrespeito à soberania brasileira sobre o território amazônico.

Em resposta àquele único *post*, o presidente francês recebeu sa-raivadas de agressões pessoais – contra si e contra a esposa, Brigitte, – e questionamentos de várias ordens: quanto à veracidade da fotografia que publicou (era referente a outro incêndio, portanto considera *fake news* pelos internautas que lhe faziam oposição); quanto à cientificidade da afirmação sobre a produção de oxigênio e quanto ao respeito à soberania brasileira sobre a região. De nada adiantou lembrar que o país de Macron também tem domínio sobre uma pequena parte da floresta Amazônia, onde se localiza a Guiana francesa.

Figura 2 - Post do presidente francês defendendo a ação do G7 sobre a Amazônia



Fonte: Twitter (2019)

Disponível em <https://twitter.com/emmanuelmacron/status/1164617008962527232>

Enquanto na grande mídia, a atração era Bolsonaro disputando em tom machista e sexista ao corroborar a comparação da idade e da beleza da esposa do presidente Francês com a esposa dele¹⁰, nas redes sociais a cobrança era por ação contra o fogo. No dia 23 de agosto, o dia de maior intensidade de mobilização das redes sociais, a mensagem de maior sucesso no Twitter foi postada pelo perfil Xuliana¹¹ ironizando um perfil pró-Bolsonaro: “Gente tá tranquilo!!! Bruno tá cuidando da Amazônia inteira e disse que não tem fogo lá <https://t.co/bzflp3CAlu>”. O segundo, foi postado por @luscas,

10 Em 24/8/2019, Bolsonaro respondeu ao comentário de um seguidor que comparou a beleza da primeira-dama da França à de Michelle Bolsonaro. “Agora entende por que Macron persegue Bolsonaro?”, escreveu o seguidor, na legenda da foto dos casais. “Não humilha cara. Kkkkkkk”, respondeu Bolsonaro, em comentário ainda visível em seu Facebook.

11 O perfil se define como: “@juupavi - feminista esquerdista urbanista clubista dentista fisiculturista esteticista motociclista jornalista baterista manobrista telefonista balconista ilusionista”.

perfil criado em janeiro de 2019, que se define como “presidenta do twitter no brasil e amigo da angelina jolie nas horas vagas”. O *post* traz um vídeo da webcelebridade Déborah dos falsetes cantando a *hashtag* #prayforamazonia, aderindo à campanha.

Novos núcleos de antagonismos foram se abrindo à medida em que os dias se passavam, e os focos de incêndio se multiplicavam. O *post* de maior popularidade (mais retuitado) ocorreu no dia 27 de agosto de 2019, segundo dia de maior movimentação na rede. Vindo do campo bolsonarista, a mensagem acusa a Rede Globo, maior grupo de mídia brasileiro, de se alinhar ao governo francês e defender a internacionalização da Amazônia. Originado no perfil @reginaduaratebr, o post foi retuitado 10.740 vezes entre o dia 27 a 03/09 a 29, o que corresponde a uma média de 1,2 vezes por minuto. O perfil @reginaduaratebr não era o da artista das novelas da TV Globo¹², conhecida por suas posições direitistas, mas um robô, que foi acionado para replicar com velocidade a mensagem. Depois, o perfil foi desativado pelo Twitter. Essa mesma mensagem ganhou fôlego também por meio do perfil de direita @BrasilFight, sendo retuitado mais de 3.200 vezes nos dias 27 e 28 de agosto, a uma velocidade de um retuíte a cada 30 segundos.

Entre os perfis que obtiveram mais popularidade (considerando a soma de retuítes em uma ou mais mensagens) encontram-se celebridades como Ana Paula Henkel (@AnaPaulaVolei, ex-jogadora da seleção brasileira de vôlei), o *bot* @reginaduaratebr (ambos do campo conservador) e o *youtuber* Felipe Neto (oposição). Entre os veículos de comunicação jornalística tradicionais, apenas o do jornal Folha de São Paulo aparece nos primeiros lugares em retuítes. Nativos digitais, como o perfil pró-governo Renova Mídia e os de oposição Mídia Ninja e Brasil 247, aparecem entre os primeiros 25 mais repostados.

12 A atriz Regina Duarte abriu mão de um contrato que mantinha com a Globo para ocupar o posto de Secretária de Cultura do governo Bolsonaro, função que desempenhou entre março e maio de 2020.

Enquanto a ala pró-governo talhava o argumento nacionalista, a cobrança da oposição era por ações contra o fogo, mas as movimentações do governo para buscar soluções se mostravam trôpegas e desfocadas, gerando mais cobranças na rede. Entre os 12 posts mais populares – com mais de 5 mil repostagens (Figura 3) observava-se vantagem para os antigovernistas que ridicularizam as atitudes do presidente Jair Bolsonaro e sua equipe¹³, incluindo tuítes informativos – “O presidente da Bolívia 🇧🇴 mandou um avião com 75 mil litros de água para Amazônia ❤️🌿 <https://t.co/fhQG8FQfk5> – e outros irônicos: “que amazônia teimosa e fora da lei!!!! <https://t.co/J6pa2i11aS>”; “se a marina silva fosse presidente a amazônia estaria intacta e a maconha liberada”). O humor e o sarcasmo de alguma forma aparecem em algumas postagens, em geral apontando para um discurso nacionalista ou ambientalista.

Nas mensagens com menor adesão (entre 1 mil a 5 mil repostagens) o debate prossegue na mesma linha, concentrando-se na questão do nacionalismo e do modelo de desenvolvimento para a Amazônia, além da conduta das autoridades brasileiras diante da mobilização de outros países frente ao problema. Os posts pró-governo abordam o papel do Brasil na proteção da Amazônia (@secomvc: “O Brasil é exemplo de sustentabilidade e proteger a Amazônia é nosso dever. #amazoniapelobrasil”). Os antigovernistas ironizam as políticas adotadas para região (@glaubermacario: “A Amazônia é o pulmão do mundo. E o governo brasileiro é um maço de Derby vermelho”).

Para a composição do discurso nacionalista foram convocados para os debates na rede, além do presidente francês, outras auto-

13 Alguns exemplos: @clexapride: “O cara é racista, faz piada idiota, machista, homofóbico, tem ideias idiotas, a amazônia tá morrendo e ele nem LIGA, os bolsominions só sabem passar pano e serem extremamente nojentosso ganhou porque o brasil é preconceituoso também <https://t.co/VEf2mG82>”; @jrguzzofatos: “O presidente Macron diz que a Amazônia “arde em chamas”. Não é uma mentira: é uma alucinação. Também diz que há “uma crise internacional”, que exige “intervenção”. Não é uma declaração de guerra ao Brasil: é um surto psicótico. A “resistência” anti BolsonBolsonaro festeja: agora vai! (sic)

Figura 3 - Posts mais populares

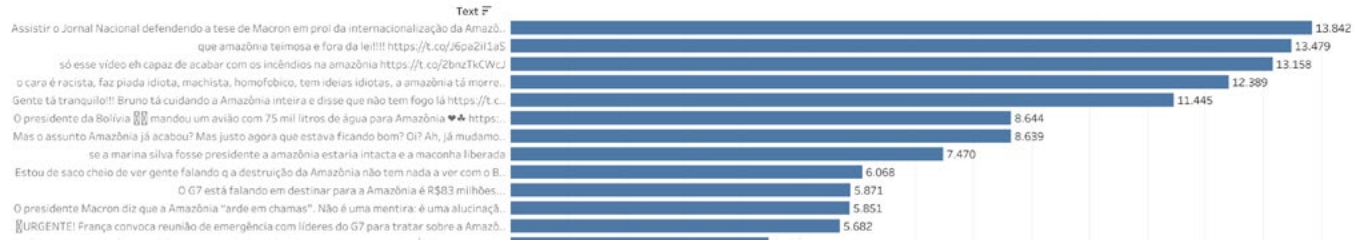


Gráfico gerado em *Tableau Public* a partir do banco de dados coletado no Twitter

Fonte: As autoras

ridades, como o ex-presidente do Chile, Sebastián Piñera; a igreja católica com seus bispos e o Papa Francisco (devido ao Sínodo da Amazônia¹⁴), o ex-presidente da Bolívia, Evo Morales; a ex-primeira ministra da Alemanha, Angela Merkel; o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump; o ex-ministro do Clima e Meio Ambiente da Noruega, Ola Elvestuen, entre outros. Cada personalidade era escalada por meio de menções a seus nomes para o lado da disputa discursiva com que mais se alinhavam. Celebidades como Cristiano Ronaldo, Gisele Bündchen, Leonardo de Caprio, Madonna, Sting também foram acionados, funcionando como argumento de ambos os lados em defesa de suas posições.

O presidente Bolsonaro, assíduo no Twitter, teve apenas uma postagem de maior repercussão: “Reunião esclarecedora com Ministros de Estado e Governadores da Amazônia Legal”. O link¹⁵ remete a um vídeo da TV Brasil, no Youtube, com a gravação da reunião, que foi transmitida ao vivo pela emissora de televisão pública brasileira, na qual o presidente afirma sua preocupação com a defesa da “soberania nacional”, comunica que sua posição é não mais demarcar terras indígenas ou reservas naturais e que considera esses procedimentos como “psicóticos”. Outro tuíte do presidente informa que o então Presidente Trump “também se colocou à disposição para nos ajudar na proteção da Amazônia e no combate às queimadas, se assim desejarmos, bem como para trabalharmos juntos por uma política ambiental que respeite a soberania dos países”, marcando seu alinhamento aos Estados Unidos, naquele momento.

Um terceiro tuíte – TRIPLO “A” – ANDES/AMAZÔNIA/ATLÂNTICO: Gigantesco “corredor ecológico” é nova ameaça à soberania brasileira¹⁶ – retoma um post de 2015, quando o próprio Jair Bolsonaro repassou uma informação sem fonte sobre a suposta criação de um corredor ecológico na região amazônica que afetaria a soberania brasileira.

14 Reunião de líderes católicos convocada pelo Papa Francisco em 2017 e realizada entre 6 e 27 de outubro de 2019, no Vaticano, para discutir a região Amazônica.

15 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=D9eSkTxS2Qg>

16 Disponível em <http://t.co/K0l47FzC6k>

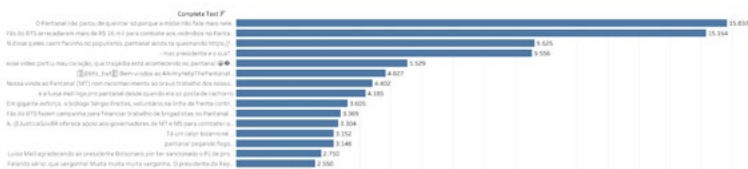
Outro integrante do governo que também teve presença no debate sobre as queimadas foi o então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles. “Obrigado pelo seu exemplo, dedicação e patriotismo. Nos inspira e fortalece. Amazônia é nossa: vamos não apenas preservá-la como defendê-la, de queimadas e oportunistas”, dizia em resposta ao general Villas Boas, ex-comandante do Exército, ainda influente no governo na época. Num segundo tuíte, Salles reproduzia o título e subtítulo da capa de uma edição de 2005 da revista *Veja*: “Amazônia à venda. Petistas presos aceitavam propina de madeiras que desmatavam a floresta”, construindo uma provocação com a oposição e reforçando os ataques ao PT que fizeram ao longo de toda campanha presidencial de Bolsonaro em 2018.

Em 2020, a vez do Pantanal

Em setembro de 2020, o foco das queimadas foi a região do Pantanal, na região Centro-Oeste do país. Mais uma vez a rede se mobilizou e a polarização se instalou. Um conjunto de 461.027 mensagens obtidas por meio de coleta no Twitter durante o mês de setembro de 2020, a partir da palavra-chave “Pantanal”, mostra que a movimentação na rede foi menor do que no ano anterior e que novos atores entraram campo. Mas em 2020 a estratégia do governo não foi mais negar as queimadas, como fizera nos primeiros momentos dos incêndios na Amazônia, no ano anterior. Desta vez, o objetivo nas redes foi tentar mostrar que o governo federal estava atuando para conter o fogo. Se ocuparam dessa tarefa, principalmente, os perfis governamentais oficiais, como o do então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Sales (@rsallesmma), o mais retuitado do campo do governo; o da Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República (@secomvc); o do deputado federal e filho do presidente, Eduardo Bolsonaro (@BolsonaroSP); entre outros de menor impacto. O perfil do presidente Bolsonaro também se empenhou em dar relevo às ações contra os focos de incêndio, destacando a atuação das Forças Armadas brasileiras, da Polícia Federal e do Ministério da Justiça. Os demais seguiram na mesma linha argumentativa, o que denota a mudança de estratégia em relação ao ocorrido no ano anterior na Amazônia.

A predominância nas redes foi da oposição ao Governo Federal (Figura 4), com críticas ao próprio presidente, às políticas ambientais do governo federal, e à grande mídia, por não dar divulgação sistemática às queimadas.

Figura 4 – Tuítes mais populares



Fonte: Gráfico gerado em *Tableau Public* pelas autoras.

No lado governamental, não se observa a tentativa de retomada da visão nacionalista que Bolsonaro tentou sustentar no ano anterior. As mensagens mais reproduzidas provêm de perfis institucionais, dando destaque a ações dos órgãos estatais, com tom formal próprio das assessorias de comunicação. O estilo vernacular preferido pelos atores não institucionais, quando se propõem a provocar o “efeito manada” não se fez presente nessa etapa dos antagonismos verificados na rede.

No segmento de oposição, no entanto, pode-se observar comentários em linguagem coloquial e emotiva, uso de *emojis* e, num caso que ganhou o quarto lugar em retuítos, o uso expressões chulas. Vê-se também nesse lado opositor a recorrência de links para conteúdos da grande mídia ou de perfis jornalísticos independentes, o que além de buscar credibilizar as mensagens, aproximam esses perfis de um cluster de mídia que sempre se notabiliza nas disputas em rede. O recurso a artistas ou personalidades de grande impacto nas redes voltou a se mostrar uma estratégia, como ocorreu nas queimadas na Amazônia. Dessa vez, os fãs da banda coreana *k-pop* BTS entraram em cena para promover iniciativas educativas e de

coleta de dinheiro para ações filantrópicas no Pantanal, por meio da campanha *ARMY¹⁷helps the Planet*. Perfis como @btsbrasil_offic, @BTS-Noticee, @BTS_Fortaleza, entre outros, atuaram para divulgar a campanha de coleta de dinheiro e eventos. Um dos perfis mais retuitados foi o @ARMY_HTP, que se intitula “O maior projeto brasileiro para ações filantrópicas realizado por ARMY em homenagem ao BTS”.

O dia de maior movimentação na rede naquele setembro de queimadas no Pantanal coincidiu com o discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), em 22 de setembro de 2020 (Figura 5). Mas sua performance no Twitter foi suplantada pela campanha dos fãs da BTS, que teve seis dos 10 tuítes mais compartilhados divulgando a ação.

O discurso do presidente brasileiro é mencionado de forma crítica por dois dos 10 tuítes mais replicados. Bolsonaro atribuiu as queimadas no Pantanal às altas temperaturas na região e à matéria orgânica acumulada pela floresta¹⁸. Ele também se colocou como vítima da desinformação e voltou a lançar desconfiança sobre os reais interesses internacionais nos vastos ecossistemas compostos pelo Pantanal e Amazônia¹⁹. Na mensagem, o presidente assegurou que as florestas brasileiras “são **úmidas**, por isso não queimam”, e acusou **índios** e caboclos de atearem fogo para fazer seus roçados.

17 Gíria do mundo k-pop que significa “Adorable Representative M.C for Youth” e faz referência a exército de fãs da banda BTS (BulletProof Boy Scouts), ou garotos a prova de balas

18 “As grandes queimadas no Pantanal são consequências inevitáveis da alta temperatura local, somada ao acúmulo de massa orgânica em decomposição. A nossa preocupação com o meio ambiente vai além das nossas florestas.” #BolsonaroNaONU.

19 “Somos vítimas de uma das mais brutais campanhas de desinformação sobre a Amazônia e o Pantanal. A Amazônia brasileira é sabidamente riquíssima. Isso explica o apoio de organizações internacionais a essa campanha escorada em interesses escusos...” #BolsonaroNaONU. Disponível em: <https://t.co/ORxUlkcxwXo>

Figura 5 – Número de tuítes sobre queimadas no Pantanal ao longo do mês de setembro/2020

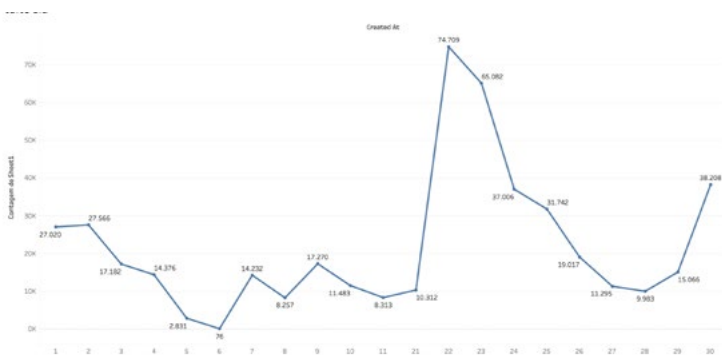


Gráfico gerado em *Tableau Public* a partir do banco de dados coletado no Twitter
 Fonte: As autoras (versão interativa disponível em encurtador.com.br/awEKW)

Figura 6 - Rede de palavras dos tuítes sobre o discurso de Bolsonaro na ONU, em 22/09/2020



Fonte: Gráfico gerado em *Voyant Tools* pelas autoras.

A tentativa de subir a *hashtag* #BolsonaronaONU para destacar o discurso do presidente brasileiro na Organização das Nações Unidas não teve muitos adeptos. Dos mais de 14,8 mil tuítes citando o evento, num universo de 460 mil mensagens, apenas 2.240 vezes foi replicada a *hashtag* governista. A maioria das manifestações antagonizava as afirmações do presidente, como demonstra a rede de palavras obtida a partir de 14.815 tuítes que mencionam o discurso na ONU (Figura 6): “vergonha”, “mentiras”, “culpa”, “desinformação”, “delírios”, “brutais”, “queimadas” e “incêndios”.

Considerações finais

A partir da análise das mensagens que circularam no Twitter no período estudado fica evidenciada uma construção discursiva proposta pelo presidente Jair Bolsonaro focada no nacionalismo, que corresponde a uma das frentes de disputa pela hegemonia política no Brasil, o que vem sendo feito de forma sistemática e ruidosa, com forte recurso às plataformas de redes sociais na internet. Os movimentos desencadeados pelo campo político liderado por Bolsonaro se enquadram no que Laclau e Mouffe (2015) denominam de “antagonismo”, que designa o momento de disputa pela fixação de sentidos e pela constituição de identidades, entendendo-os como sempre contingentes e incompletos. O antagonismo, “antes de ser uma relação entre objetividades já dadas, representa o próprio momento em que elas passam a ser constituídas”, sendo a “condição de possibilidade para a formação de identidades políticas” (Mendonça, 2012, p. 207).

Os dados coletados neste estudo mostram que as redes se apresentam como território fértil para as disputas políticas por meio de performances discursivas típicas desse ambiente – ideias apresentadas de forma coloquial, predominantemente satíricas, recorrendo a colagens e remixagens de narrativas verbais e visuais – promovem ondas rápidas de conversação alinhavando diferentes visões e tendendo à polarização. Os elementos colocados correspondem a ideias em disputa. Nas estratégias pelo engajamento, colocam em cena recursos que podem atrair atenção, como celebridades e memes, além de se servirem de processamentos robotizados. A disputa que se es-

tabeleceu nesses dois momentos em que as queimadas consumiam a floresta amazônica brasileira e o Pantanal pode ser considerada uma tentativa de reverter os pactos estabelecidos historicamente sobre a questão do nacionalismo e da soberania do Brasil em relação a esses territórios de interesse ambiental.

No palco da disputa em torno das queimadas da Amazônia em 2019, o presidente da França, Emmanuel Macron, as ONGs e “a esquerda” surgem como principais inimigos do campo bolsonarista, constituindo um polo de antagonismo importante. Em relação ao Pantanal, no ano seguinte, observa-se que o campo governista tentou mostrar que não estava alheio às queimadas, mas ainda lançava sua desconfiança sobre a comunidade internacional e usava argumentos sem fundamento científico para explicar a ocorrência dos incêndios, numa clara tentativa de atribuir as queimadas a fatalidades naturais ou responsabilizar comunidades indígenas e pequenos produtores locais.

O presidente Bolsonaro, em ambas as amostras estudadas, embora não apareça com o perfil mais ativo no Twitter, tem um papel de destaque no processo articulatório do projeto nacionalista conservador, que repele a concepção de que a Amazônia faz parte de um conjunto de interesses que transcende o domínio brasileiro, defendendo a região como nova fronteira para a exploração econômica. Dessa forma, confronta um ponto nodal discursivo que possibilita pensar a Amazônia como um ecossistema brasileiro, mas de interesse mundial, visão que favoreceu decisões multilaterais pactuadas na ONU e acordos internacionais (Bentes, 2005) que contribuíam para financiar a gestão e a preservação desse ecossistema. Assim, o discurso nacionalista proposto por Bolsonaro cumpre a missão de sintetizar todas as diferentes demandas em relação à Amazônia, e, a partir dele, desencadear ações que são conectadas ao seu projeto de hegemonia. Procura também promover um encaixe entre o seu projeto liberal conservador, a Amazônia, o meio ambiente e a evocação de defesa da soberania nacional, fazendo com que o significante “nacionalismo” flutue e abarque esse conjunto de objetos e compondo assim uma nova cadeia de equivalências que o favoreça.

Referências

- Bentes, R. (2005). A intervenção do ambientalismo internacional na Amazônia. *Dossiê Amazônia Brasileira II – Estudos Avançados* 19 (54) – Ago 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/rwJZJ46pbXSnS9zzMQMStCF/?lang=pt> Acesso em: 07/08/2021.
- Campos-Domínguez, Eva. (2017). Twitter y la comunicación política. In: *Profesional de la Información*, [S. l.], v. 26, n. 5, p. 785–794. DOI: 10.3145/epi.2017.sep.01. Disponível em: <https://revista.profesional-delainformacion.com/index.php/EPI/article/view/epi.2017.sep.01>. Acesso em: 25 mar. 2021.
- Jones, B. *Communicating Data with Tableau*. [S.l.]: O’Reilly Media, Inc., 2014.
- Laclau, Ernesto. (2011). *Emancipação e diferença*. Rio de Janeiro (RJ): Editora da UERJ.
- Laclau, E.; Mouffe, C. (2015). *Hegemonia e estratégia socialista*. Brasília: Intermeios.
- Mendonça, Daniel de. (Abril de 2014). O limite da normatividade na teoria política de Ernesto Laclau. In: *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 91, p. 135–167. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452014000100006&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 21 fev. 2020.
- Mendonça, Daniel de. (Setembro - Dezembro de 2012). Antagonismo como identificação política. In: *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº9. Brasília, pp. 205-228.
- Mendonça, Daniel de. (2006). A condensação do imaginário popular oposicionista num significante vazio: as Diretas Já. In: Rodrigues, Léo Peixoto; Mendonça, Daniel de. (2006) *Ernesto Laclau e Niklas Luhmann: pós-fundacionismo, abordagem sistêmica e as organizações sociais*. [s.l.]: EDIPUCRS.
- Petitjean, Patrick; Domingues, Heloisa M. B. [s.d.] *A Redescoberta da Amazonia num Projeto da Unesco*. [S. l.], p. 29.
- Rabinovici, Andrea. (2011). Militantes e militares na mídia: questões sobre a soberania da Amazônia Brasileira. In: *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política*. V.20, n. 1.
- Rahimi, Babak. (2011). The Agonistic Social Media: Cyberspace in the Formation of Dissent and Consolidation of State Power in Postelection Iran. In: *The Communication Review*, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 158–178. DOI: 10.1080/10714421.2011.597240. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10714421.2011.597240>. Acesso em: 25 mar. 2021.

- Rockwell, Geoffrey; Sinclair, Stéfán (2016). *Hermeneutica*. [S.l.]: MIT Press.
- Silva, Jairo da Silva e. (Novembro de 2020). “Nossa Amazônia permanece praticamente intocada”: a Amazônia no discurso do presidente Jair Bolsonaro na ONU. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas*, [S.l.], n. 14, p. 125-142, nov. 2020. Disponível em: <<http://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/1970>>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- Zhour, A. (2002). O fantasma da internacionalização da Amazônia revisitado: ambientalismo, direitos humanos e indígenas na perspectiva de militares e políticos brasileiros. In: *Anais do XXVI Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu.